



REPORTAGEM DE CAPA

O SHOW DE DORIA

COM POPULARIDADE FORJADA NAS REDES SOCIAIS, O PREFEITO DE SÃO PAULO OCUPA O VÁCUO DEIXADO PELAS LIDERANÇAS TUCANAS ENVOLVIDAS NA LAVA JATO

por RODRIGO MARTINS e SERGIO LIRIO*

O apresentador passeia, sem tirar o sorriso do rosto, pelo aquário da Caixa Econômica Federal no Terminal Rodoviário do Tietê, em São Paulo. Nem uma gota de suor escorria pelo rosto, o paletó preto sobre a camisa azul-celeste sem gravata mantinha-se perfeitamente alinhado, como se começasse ali a gravação de um programa de auditório ou uma cena de novela. “Até a Delegada Rose, que é muito rica, sabe a diferença que 1 milhão de reais faz na vida de uma pessoa”, graceja o *showman* em referência a Rosmary Corrêa, prefeita regional de Santana. “É o suficiente para mudar a vida de qualquer um. Muda ou não muda?”, pergunta à plateia e aos jornalistas ao redor, alguns citados nominalmente.

O apresentador Silvio Santos, senhor das tardes do domingo, não faria melhor. Cercado por secretários e asseclas, o prefeito de São Paulo, João Doria, conduzia na quarta-feira 5 o primeiro sorteio da “Nota do Milhão”, uma loteria que resume perfeitamente a sua interpretação do mundo. A “Nota do Milhão” substituiu os reembolsos regulares da Nota Fiscal Paulistana. De agora em diante, em vez de contemplar milhões de contribuintes com descontos em impostos, haverá apenas um felizardo, escolhido para receber o “suficiente para mudar a vida”. A plateia, contente, aprova a iniciativa.

O sorteio foi apenas a última aparição pública do prefeito na quarta-feira 5. Ao inaugurar a reforma de uma escola para surdos, pela manhã, Doria acabou cercado por jornalistas e instado a responder a uma pergunta cada vez mais frequente, embora não tenha completado cem dias



O criador preocupa-se com a criatura





Serra e Aécio,
metidos até o peçoço
na lama das delações

de mandato no cargo para o qual foi eleito em outubro do ano passado. O senhor é candidato a presidente? “Não. Meu candidato, todos sabem, tem nome e sobrenome. Chama-se Geraldo Alckmin.” E a governador? Um sorriso de Mona Lisa precede a resposta: “Neste caso, ainda não tenho a quem apoiar”. Os seguranças conduzem o tucano e um séquito de assessores, cinegrafistas e fotógrafos segue o fluxo.

As pretensões eleitorais de Doria tornaram-se o assunto mais discutido dentro e fora dos círculos do PSDB. Quase ninguém se interessa pelas iniciativas do prefeito. Ou pela falta delas. Após três meses de gestão, o tucano é um fenômeno estritamente virtual. Sua popularidade nas redes sociais cresce exponencialmente, em uma escalada inversamente proporcional aos resultados práticos da

RODRIGO MARTINS, PEDRO FRANÇA/AG. SENADO
E ALEXANDRE CARVALHO/AG. 2 FOTOGRAFIA

administração municipal. O aumento da velocidade nas Marginais, uma promessa de campanha, fez crescer novamente os acidentes e as mortes. Os mutirões de limpeza, que o levaram a se fantasiar de gari, geralmente são realizados em regiões da cidade sem problemas com lixo. O “Corujão da Saúde”, criado para agilizar as consultas médicas na periferia, tem recebido críticas crescentes. Na quinta-feira 6, um dia depois de fazer um novo “milionário” em São Paulo, a prefeitura anunciou o cancelamento das oficinas culturais nos Centros Educacionais Unificados (CEUs) que beneficiavam 4 mil alunos.

De tanto falar sobre o futuro político, o prefeito às vezes escorege na própria modéstia. “Não sou o rei da cocada preta”, definiu-se recentemente. Na atual situação do PSDB, nem precisaria. Tanto quanto o PT e seus líderes, os mais proeminentes tucanos foram arrastados pelo turbilhão das delações da Lava Jato. José Serra, além de uma atuação irrelevante e constrangedora como ministro das Relações Exteriores, é acusado de receber 23 milhões de dólares no exterior. Aécio Neves, principal animador do *impeachment* contra Dilma Rousseff, é o político mais citado por delatores. Seu nome é tão recorrente que até a revista *Veja*, apesar dos cuidados na reportagem normalmente esquecidos quando os alvos são outros, dedicou-lhe uma capa. Alckmin, o padrinho de Doria, foi identificado como o “Santo” na lista de propinas da construtora Odebrecht. Desconfia-se que uma delação da Camargo Corrêa, por enquanto vetada pelo Ministério Público, pioraria a situação.

O envolvimento em corrupção de tucanos ilustres que até outro dia jogavam pedra na cruz de Dilma Rousseff e dos petistas não passou despercebido dos eleitores. Não bastasse, o PSDB sofre o desgaste de ser o principal fiador do impopular governo Temer. Quase um ano após o primeiro passo para o *impeachment* da presidenta

na Câmara dos Deputados, o humor dos brasileiros mudou radicalmente. Em abril de 2016, Lula, apontavam as enquetes, seria derrotado por qualquer adversário. Agora, o ex-presidente bate todos os concorrentes. Pior: Serra, Aécio e Alckmin despencaram nas preferências e perderiam até para o deputado federal Jair Bolsonaro, o perfil mais bem-acabado do que se poderia chamar de extrema-

PARTE DO SUCESSO NAS REDES SOCIAIS DEVE-SE AO ESTILO RUIDOSO DA GESTÃO, DIZ ESTUDO DA FGV

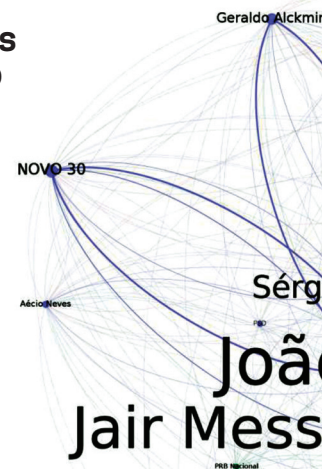
-direita no Brasil. Bolsonaro, mostram os institutos, avança sobre redutos tradicionais do tucanato, as camadas mais endinheiradas da população. Nesse segmento, chega a 25% das intenções de voto.

“A discussão sobre a candidatura presidencial do Doria é a pauta dos desesperados”, afirma Marcos Coimbra, diretor do instituto Vox Populi. “Se os candidatos treinados e conhecidos do PSDB não estivessem tão desgastados, ninguém falaria dele.” Coimbra duvida do fôlego eleitoral do prefeito e aponta Alckmin como a opção natural da legenda. Segundo ele, caso não reste alternativa ao PSDB a não ser apostar em uma novidade, o melhor seria radicalizar e lançar o apresentador Luciano Huck. “Ele é conhecido nacionalmente e queridíssimo pelo público.” Embora tenha insinuado a vontade de se candidatar em uma entrevista recente, Huck não pensaria de fato na carreira política, segundo relatos de familiares.

Desesperados ou não, o fato é que os tucanos não conseguem escapar da armadilha. Há quem se pergunte se o

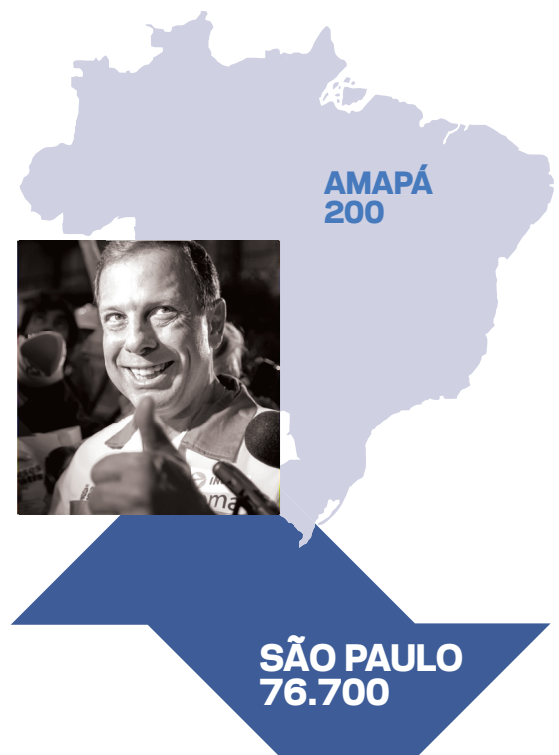
POPULARIDADE VIRTUAL ⇒ O “FENÔMENO DORIA” NAS REDES

AS REDES REACIONÁRIAS TÊM UM NOVO ÍCONE



PAULISTA DA GEMA

Por ora, Doria é um político regional



Fonte: dapp.fgv.br

AS REDES SOCIAIS



REGIÃO NORTE

Acre	577
Amapá	200
Amazonas	1.500
Pará	2.500
Rondônia	500
Roraima	200
Tocantins	400

REGIÃO NORDESTE

Alagoas	1.000
Bahia	5.400
Ceará	5.200
Maranhão	1.100
Paraíba	1.900
Pernambuco	5.000
Piauí	900
Rio Grande do Norte	2.000
Sergipe	1.100

REGIÃO CENTRO-OESTE

Goiás	3.200
Mato Grosso	1.400
Mato Grosso do Sul	1.300
Distrito Federal	3.600

REGIÃO SUDESTE

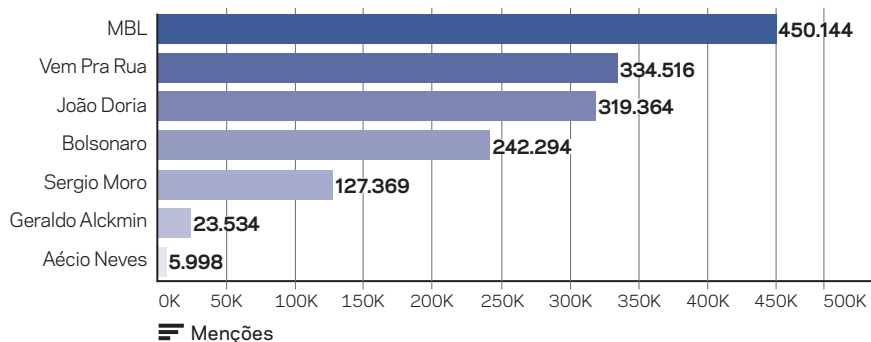
Espírito Santo	2.200
Minas Gerais	10.900
São Paulo	76.700
Rio de Janeiro	16.300

REGIÃO SUL

Paraná	6.600
Rio Grande do Sul	6.000
Santa Catarina	5.000

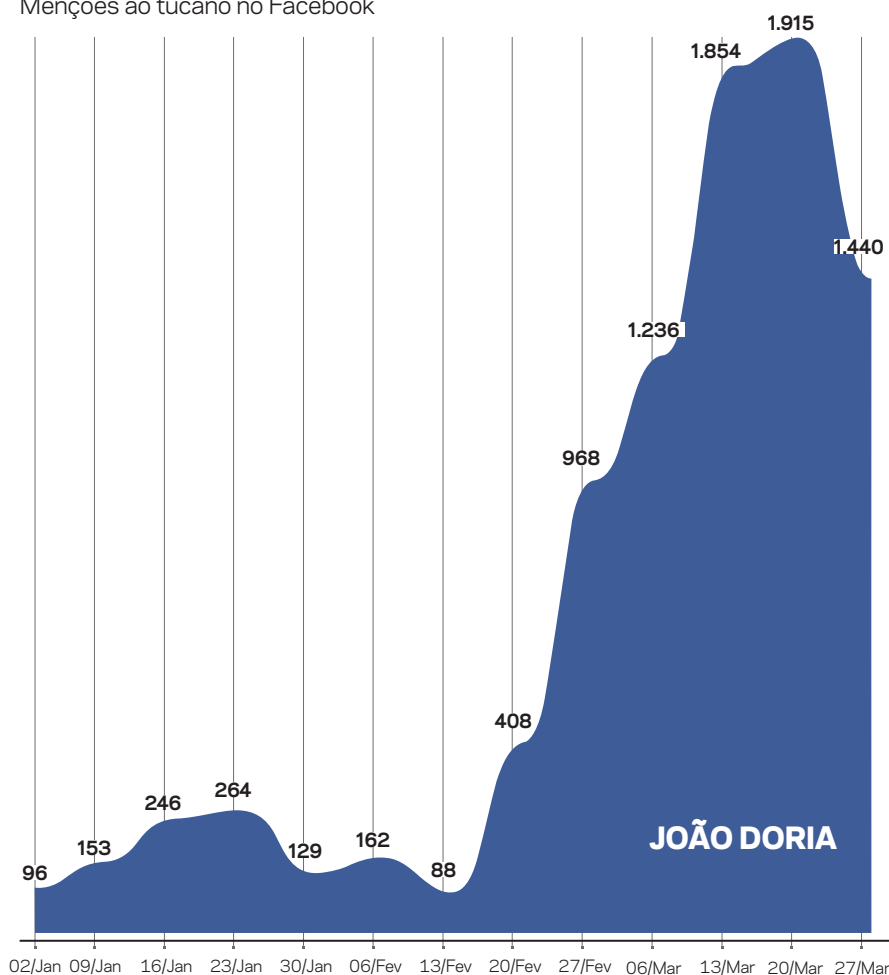
O CANDIDATO DOS SONHOS

Os seguidores do MBL e do Vem Pra Rua se reconhecem no prefeito de São Paulo



MONTANHA ACIMA

Menções ao tucano no Facebook



PAULO LOPES/ZUMA WIRE/FOTOARENA

“efeito Doria” provocará um cataclismo no PSDB semelhante àquele que Donald Trump causou no Partido Republicano dos Estados Unidos, uma guinada definitiva no perfil da legenda. Treinado em programas de tevê, dono de uma fortuna avaliada em 180 milhões de reais, sócio de uma empresa, o Lide, alicerçada na intermediação de relações entre políticos e empresários, privatista, o prefeito paulistano reúne duas características em alta desde a implosão do sistema político pela Lava Jato e as mudanças nas regras eleitorais: capacidade de comunicação e apoio financeiro.

Se é preciso definir o tucano como um fenômeno, o mais exato seria classificá-lo como um fenômeno midiático ou digital. Um levantamento da Fundação Getúlio Vargas e intitulado “Momento Doria” buscou medir a influência do prefeito nas redes sociais. Durante duas semanas, pesquisadores da FGV monitoraram o Facebook e o Twitter de políticos ligados ao espectro de centro-direita. No período, Doria teve mais de 4 milhões de interações nas redes, 13 vezes mais do que aquelas de Alckmin e 50 vezes maiores do que as de Aécio Neves. Também ficou à frente de Bolsonaro e do juiz Sérgio Moro. Em resumo, atualmente o alcaide paulistano parece ser o populista que os reacionários encontraram para chamar de seu.

“Parte desse sucesso se deve ao estilo ruidoso de sua administração”, avalia Amaro Grassi, um dos autores da pesquisa. “Fora isso, ele é uma novidade no mundo político e seus três primeiros meses de governo ganharam uma exposição que provavelmente diminuirá com o tempo.”

A influência de Doria na internet não está diretamente ligada a seu desempenho na prefeitura. Um levantamento do Social Monitor, ferramenta de monitoramento das redes sociais, encomendada por *CartaCapital* revela: o tucano ganhou mais adeptos no Facebook no dia em que publicou um vídeo no qual chama

o ex-presidente Lula, seu alvo predileto, de cara de pau. Insuflado pela audiência pró-*impeachment*, Doria passou a se escurar no antipetismo não só para ganhar exposição na mídia, mas para desqualificar as críticas à sua atuação. Vaiado no Carnaval, “acusou” os manifestantes de petistas. Criticado pelo cientista político André Singer em um artigo, aconselhou-o a “ir para Curitiba”, sede da Lava Jato (o equivalente a “ir para Cuba” repetido

OS TUCANOS DIVIDEM-SE ENTRE O DESDÉM E O APOIO ENTUSIASMADO AO PREFEITO

pelas milícias fascistoides). Em entrevista na quinta-feira 6 a uma rádio do Rio Grande do Sul, chamou Lula de “bandido e prometeu usar todas as suas forças para impedir o retorno do petista ao poder. O ex-presidente percebeu a jogada. “O Doria me provoca para ganhar projeção nacional”, rebateu.

A mistura do discurso antilulista à imagem de antipolítico firmada durante a campanha eleitoral permite ao tucano trafegar por diferentes camadas da sociedade. E em grande medida explica sua inédita vitória no primeiro turno das eleições municipais. A Fundação

Perseu Abramo, ligada ao PT, realizou ampla pesquisa qualitativa para entender o pensamento dos eleitores mais pobres. Os anos de ascensão social nos governos Lula e Dilma, indicam o estudo, não estimularam uma compreensão do papel do Estado e das políticas públicas na melhora de vida dos brasileiros. Ao contrário. Os eleitores de menor renda rejeitam o conceito de luta de classes, sobrevalorizam o mercado, sonham em se tornar empreendedores e atribuem a ascensão social a méritos próprios.

“Houve uma expansão fenomenal das igrejas neopentecostais nas periferias. Elas acolhem os fiéis e suprem serviços que o Estado não oferece”, explica William Nozak, professor da Fundação Escola Paulista de Sociologia e Política e coordenador da pesquisa. “Esses evangélicos possuem uma visão mais individualista e entendem que o sucesso material é um sinal de bênção divina.” Não por acaso, Lula, Silvio Santos e Doria são figuras referenciais, por “virem de baixo”, apesar de a percepção não ser correta em relação ao prefeito.

O cientista político Cláudio Couto, da FGV, reforça: “Doria conseguiu vender a imagem de *self-made man*, alguém que veio de baixo e ascendeu socialmente, ainda que a sua biografia esteja um pouco mal contada. Na verdade, ele é filho de família rica, que passou por um período de dificuldade. Apesar disso, o que ficou na memória



Doria vai a Curitiba visitar Odebrecht e Cunha?



do eleitor paulistano é o jingle do 'João Trabalhador'. Ele se apresenta como um gestor, não como político. É balela, ele sempre orbitou nas esferas de poder, mas esse discurso faz sucesso neste momento, de profundo descrédito da classe política pelos sucessivos casos de corrupção".

O empresário sem relações com a política é mais uma peça de marketing. No governo de José Sarney, o tucano ocupou a presidência da Embratur, estatal de turismo, e viu-se envolvido em escândalos de corrupção que diz tanto abominar. No comando do Lide e em seu antigo programa na RedeTV!, recebeu com entusiasmo notórios acusados de corrupção, entre eles o ex-deputado Eduardo Cunha e o empresário Eike Batista, presos em Curitiba (aquela cidade para a qual o prefeito gosta de "mandar" os críticos). Seus elogios entusiasmados a essas, entre outras figuras de moral duvida, são públicos e notórios.

O vazio deixado pelo descrédito dos políticos e legendas tradicionais transformou-se, contudo, em um campo de experimentação do afilhado de Alckmin. O incômodo no PSDB é evidente, apesar de poucos no partido o expressarem de forma direta. Neste pequeno grupo encontra-se o deputado federal Silvio Torres, que não esconde certa irritação com as especulações prematuras a respeito do futuro de Doria. "Nas bancadas da Câmara e do Senado só se

TCU conclui que Dória desviou Cz\$ 6,5 milhões da Embratur

Cleber Praxedes

BRASILIA — O ex-presidente da Embratur João Dória Junior e toda a ex-diretoria da empresa durante sua gestão foram intimados ontem pelo Tribunal de Contas da União (TCU) a recolherem aos cofres públicos 6 mi-

praticadas pela diretoria da empresa em 1987 e 1988. O ex-presidente João Dória Junior junto com os diretores Antônio Eduardo Colturato, José Eduardo Medeiros Vaz e James Membribes Rúbio Junior cometeram várias irregularidades em 1987: na contratação de mão-de-obra indireta, nas campanhas promocionais, no contrato da empresa com

irregularidade. Ele liberou, sem qualquer explicação, o acordo judicial que a Embratur tinha com a Foco, apesar do litígio existente na época. Com a liberação do acordo, a Embratur perdeu Cz\$ 79 mil, que terão que ser devolvidos a União, conforme determinação do TCU.

Esta notícia do *Jornal do Brasil* mostra que o empresário frequenta a política não é de hoje

discutem os nomes de três pré-candidatos: Serra, Aécio e Alckmin", garante.

Ex-secretário da Casa Civil do governo paulista e atual presidente da companhia de habitação da cidade, Edson Aparecido discorda: "Ele rapidamente se transformou numa liderança nacional, não se restringe mais à prefeitura. Se ele ocupou esse espaço em tão pouco tempo, é porque existia um vácuo". Aparecido é a expressão da ascensão de Doria no ninho tucano paulista. Quando Alckmin decidiu impor a candidatura do empresário, o ex-secretário, fiel escudeiro do governador, rechaçou a ideia, como a maioria da cúpula partidária. Após receber contribuições de Doria para a campanha a vereador, Aparecido converteu-se. Hoje, mostra-se entusiasmado com a "projeção" do atual chefe.

Entre os grão-tucanos, o empresário continua a ser tratado com certo desdém, postura resumida em uma

afirmação do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso: "O importante na política é ser líder. Liderança você constrói e leva tempo. Para governar, tem também de ter credibilidade. Isso não é igual a popularidade".

Muitos dos aliados de Doria parecem acreditar que credibilidade e liderança têm preço. Um dos trunfos do prefeito é justamente sua fortuna pessoal, além da proximidade com os endinheirados. Em 2016, Doria investiu do próprio bolso 2,93 milhões de reais, mais de um terço do total de despesas da campanha. Entre os maiores doadores aparece Rubens Ometto, presidente do Grupo Cosan, controlador da Comgás, responsável pelo repasse de 500 mil reais. A mesma quantia foi oferecida por três integrantes da família Salomone, donos da incorporadora imobiliária Savoy,

REPORTAGEM DE CAPA

que administra diversos shoppings na capital. Entre os dez principais doadores do tucano, oito concentraram suas contribuições exclusivamente no prefeito eleito, e não repassaram recursos aos adversários.

Desde que assumiu a prefeitura, o empresário deixou clara a sua afinidade eletiva com o mercado. Prometeu privatizar o Estádio do Pacaembu, o Centro de Convenções Anhembi e o Autódromo de Interlagos. Em fevereiro, ao viajar a Abu Dabi, nos Emirados Árabes Unidos, apresentou a investidores estrangeiros um pacote de 55 projetos de “desestatização” do município. Na lista, cemitérios e parques públicos.

Não é tudo. O tucano tentou convencer a Qatar Airways a investir 20 milhões de reais na manutenção e recuperação de 19 pontes das marginais Pinheiros e Tietê. Como a legislação municipal proíbe a fixação de outdoors ou a exposição de marcas em nomes de logradouros, ofereceu como contrapartida propaganda “boca a boca” nas redes sociais.

Não se sabe se a companhia aérea topará investir em uma ação sem retorno financeiro garantido. Doria tem conseguido convencer diversos empresários a fazer doações semelhantes à municipalidade. Dono da rede Ultrafarma, Sidney Oliveira ofereceu 600 mil reais em medicamentos a postos de saúde. Dias depois, o prefeito gravou um vídeo para recomendar as vitaminas produzidas e comercializadas pelo amigo de longa data e um dos patrocinadores do Lide.

O tucano conseguiu ainda que montadoras doassem veículos. A Mitsubishi forneceu dez picapes modelo L200, com tração 4x4, próprios para guinchar carros. A Yamaha ofereceu seis motos Ténéré 250 e a Honda doou 20 motos do modelo XRE300C, destinadas a agentes da Companhia de Engenharia de Tráfego e da Guarda Civil Metropolitana. As colaborações são registradas e divulgadas no Portal da Transparência, mas deixam

A película sobre o Plano Real. “Ficção”, segundo FHC



DORIA, HUCK, BOLSONARO... O ESTABLISHMENT AINDA PROCURA UM ANTI-LULA



Derenne, escalado para auxiliar a produção do filme

dúvidas sobre os reais interesses das empresas na ação filantrópica, sobretudo quando envolvem companhias que prestam serviços ao município ou dependem de alvarás da prefeitura.

Enquanto anuncia as parcerias empresariais, Doria vale-se de sua influência

digital para se movimentar no tabuleiro do poder tucano. O crescimento da popularidade do prefeito entre o tradicional eleitorado tucano levou conselheiros de Alckmin a recomendar a instalação de um escritório político em Brasília para fortalecer sua pré-candidatura e minar movimentos a favor do afilhado. O sinal de alerta soou após aliados de Aécio Neves, praticamente fora do páreo, insuflarem a campanha “Doria presidente”. O apoio divulgado em alguns meios de comunicação veio, porém, no momento errado. O senador mineiro não esperava a reportagem de capa da revista *Veja*. As acusações de pagamento de propina em uma conta em Nova York gerenciada por Andrea Neves, irmã do parlamentar, confundiu tanto os leitores da publicação quanto as hostes do partido, que sempre consideraram a Editora Abril uma aliada.

Não há uma grande conspiração no episódio, nem se trata do abandono de um parceiro em estado de coma político. A revista tomou cuidados redobrados na construção do texto, deferência nunca reservada a outros acusados, principalmente aqueles filiados ao PT. A defesa de Aécio teve amplo espaço. Ainda assim, o senador enfureceu-se e prometeu processar a publicação. Quanto à *Veja*, pode-se



dizer que fomentar o radicalismo dos leitores deixou de ser uma prioridade após a queda de Dilma. O momento é de acalmar os ânimos em prol da governabilidade de Temer. De qualquer forma, a delação de Benedicto Júnior, executivo da Odebrecht, jogou a pá de cal sobre o que restava da credibilidade do senador.

Enquanto o PSDB desidrata e, como afirma Marcos Coimbra, agarra-se à “pauta dos desesperados”, uma propaganda política que se pretende mais sutil começa a ganhar as ruas. Talvez inspirados no poder de Hollywood, duas obras cinematográficas habilitam-se a reconstruir o passado e resumir um episódio inacabado. O filme sobre a história do Plano Real tornou-se outra frente de conflito no tucanato. Inspirado em um livro cuja principal fonte foi Gustavo Franco, ex-presidente do Banco Central, a película comete erros históricos e factuais. Franco é o herói da trama e seu papel na formulação e condução do plano está supervalorizado. Serra, dizem colunistas de fofoca, não gostou de como foi retratado. FHC incomodou-se com os exageros em relação à importância de Franco. “Obra de ficção”, resumiu. O roteiro exaltação levou o ator Herson Capri a recusar o papel do ex-presidente tucano. A amigos, confidenciou a razão: não queria tomar

em Curitiba, que teria sido fechada em 18 de novembro para não atrapalhar os trabalhos da equipe de filmagem. Os parlamentares encaminharam uma denúncia de improbidade administrativa contra os agentes da PF responsáveis pela cessão dos equipamentos e o vazamento das imagens da condução coercitiva do ex-presidente Lula, em março do ano passado.

“É um completo absurdo. A investigação ainda está em curso. Não há nenhuma condenação, muito menos uma definitiva. E esse filme colabora para formar convicções, comportamento, ressalte-se, em voga em Curitiba”, afirma Damous.

Os parlamentares petistas se precipitaram, porém, ao apresentar o delegado Reinaldo de Almeida César como integrante da trama. Em carta ao deputado petista, César esclareceu não integrar a força-tarefa da Lava Jato, tampouco ocupar cargo de chefia na PF. “Não tenho, nem nunca tive, qualquer vínculo, de qualquer natureza e a qualquer título com a produção do referido filme.”

Conforme apurou *CartaCapital*, o diretor-geral da Polícia Federal, Leandro Daiello, escalou o delegado Marcio Derenne para auxiliar na produção do filme. Atualmente, Derenne estaria

cedido ao Ministério do Esporte, onde assessora Leonardo Picciani.

Não se deve esperar grandes resultados da representação dos parlamentares. Tem ficado patente o desinteresse das autoridades competentes em desvendar o mistério do vazamento das imagens da condução de Lula. Instado pela defesa do ex-presidente, o juiz Sergio Moro ainda não descobriu quem repassou as cenas à produção do filme. Antes de pedir informações à PF, o magistrado chegou a negar a existência das imagens, simplesmente por não as ter autorizado.

Os advogados do petista insistiram até Moro fazer seu trabalho e perguntar aos delegados. Descobriu então que agentes filmaram a casa de Lula, inclusive o quarto do casal. O delegado Igor Romário de Paulo negou, porém, o vazamento, mas o ator Ary Fontoura, que interpreta o ex-presidente, e produtores do filme confirmaram ter assistido às cenas em companhia de funcionários da PF.

Pimenta e Damous, antes de preparar a representação ao Ministério Público, tinham solicitado informações a Daiello, por meio da presidência da Câmara e da Lei de Acesso à Informação. Descobriram mais tarde que o colega Rodrigo Maia, presidente da Casa, manteve o pedido na gaveta. E o diretor da PF não achou importante responder ao segundo pedido, embora a Lei de Acesso obrigue servidores públicos a fornecer dados não confidenciais.

A defesa de Lula ainda espera uma nova manifestação de Moro para decidir as medidas cabíveis contra quem gravou e vazou sem autorização as cenas de sua condução coercitiva.

A campanha “Doria presidente”, a aparição pública de Huck e os dois filmes servem a um propósito. Na contramão das expectativas do golpe de 2016, o afastamento de Dilma não sepultou as chances do campo progressista. Sem alternativas viáveis, o *establishment* persiste na sôfrega busca de um anti-Lula. •

Colaboraram Claudia Belfort, José Antônio Lima e Miguel Martins.